

A GÊNESE DO SONETO DE CONSTATAÇÃO I “POR NÓS MESMOS”

Eleonora Campos Teixeira (UNEF)

norinhatli@yahoo.com.br

Ingrid Ribeiro da Gama Rangel (UNEF)

RESUMO

A genética é a crítica literária que se ocupa da obra de arte em seu “por vir”. Mais importante do que a “versão definitiva” é o processo criativo do autor na lapidação de sua obra. Para a viabilidade da contemplação do percurso criativo são imprescindíveis os documentos do processo. Depois do levantamento dos documentos, o crítico analisa a obra desde os seus primeiros traços ou rabiscos. Na crítica de poemas, analisa-se a evolução do texto, verso por verso. Cada palavra, cada anotação é importante no processo de análise. Um traço pode representar uma quebra; um rabisco, uma mudança de ideia. O presente trabalho propõe a crítica genética do Soneto de Constatação I, de Pedro Lyra (2002, p. 27). Poeta perfeccionista, Pedro corrigia os seus textos inúmeras vezes. Humano, permitia-se mudar de ideia e laborar pela expressão ideal. Com a gênese do poema lyrano, pode-se verificar que a poesia de Pedro não era apenas fruto de talento e inspiração, mas de muito trabalho e dedicação à arte poética.

Palavras-chave:

Poema. Crítica genética. Pedro Lyra.

1. Introdução

O trabalho de crítica genética possibilita acompanhar o desenvolver de cada verso, de cada palavra. É um trabalho extremamente satisfatório que aproxima o crítico do autor no percurso de desvelamento do processo criativo. Na pós-modernidade marcada pela liquidez, Pedro manteve o hábito de cuidadosamente guardar os documentos de seu processo de criação poética. Ao longo de sua trajetória, foram cultivadas inúmeras pastas com manuscritos, além dos vários arquivos digitais dos sonetos escritos diretamente no computador.

A postura lyrana¹⁰, a preocupação com a conservação dos documentos é um presente para seus geneticistas. No âmbito do Programa de Pós-Gradua-

¹⁰ Neologismo criado por Ingrid Ribeiro (BENEVENUTI; CAMPOS; RIBEIRO, 2016, p. 22) e aprovado pelo poeta Pedro Lyra para identificar o seu soneto que tem estrutura distinta dos dois modelos tradicionais: o petrarquiano / camoniano e o shakespeariano.

ção em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense já foram realizadas 15 gêneses de textos lyranos. Os trabalhos motivaram a publicação do livro *A construção do poema: Crítica genética de 8 sonetos de Pedro Lyra*, publicado em 2016 e organizado pelas então alunas de doutorado Clesiane Benevenuti, Eleonora Campos e Ingrid Ribeiro.

O objeto do trabalho foi analisar geneticamente o “Soneto de Constatação I – Por nós mesmos” que abre a mais famosa obra de Lyra *Desafio* (2002, p. 27). A metodologia foi pautada principalmente em pesquisa documental, a partir dos documentos do processo criativo do poeta. A organização da crítica foi realizada a partir do formato desenvolvido, em 2012, por Pedro Lyra e Eleonora Campos, primeira geneticista do poeta cearense.

2. A importância do resgate do processo criativo de “Por nós mesmos”

Toda gênese textual é importante, pois permite que o leitor conheça o texto em sua fase embrionária e aprecie o fecundar das palavras. A crítica genética do primeiro soneto da mais importante obra de um autor é mais significativa ainda.

Na terceira redação, ainda durante o seu processo criativo, Pedro escolheu o soneto para a abertura de seu livro:

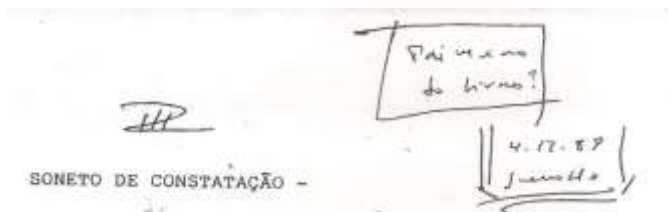


Figura 1: Terceiro documento do processo criativo do Soneto de Constatação I.
Fonte: Arquivos de da família de Pedro Lyra.

A versão definitiva do Soneto, que abrirá também a 4ª edição de *Desafio* (a sair em breve) foi divulgada pela primeira vez em 2015 na voz de Eleonora Campos, na página do Facebook do poeta. No dia 1 de novembro de 2015, Lyra escolhe a dupla que seria honrada com a responsabilidade da gênese de “Por nós mesmos” e comenta, também na rede social:

Texto de “Por nós mesmos”, que é o “Soneto de Constatação-I”. É o soneto que abre o livro: portanto, um texto estratégico. Porque, se o leitor não gostar do 1º poema de uma coletânea, não vai ler o 2º. Nem sequer o último. De “Constatação” – uma série de 45 sonetos, onde se procura falar do amor em si mesmo. Lido pela professora Eleonora Campos no vídeo acima, doutoranda de “Cognição e Linguagem” na UEF/Campos-RJ, a idealizadora do projeto de “Crítica Genética” de uns 10 sonetos desse livro. Ele está sendo analisado por outra doutoranda, a professora Ingrid Ribeiro, coautora do projeto, no autógrafa desta foto. O soneto tem duas últimas emendas, como declaro no final do vídeo. Vou fazê-las no exemplar da Ingrid, como fiz outra, de outro soneto, no da Eleonora. (LYRA, 2015)

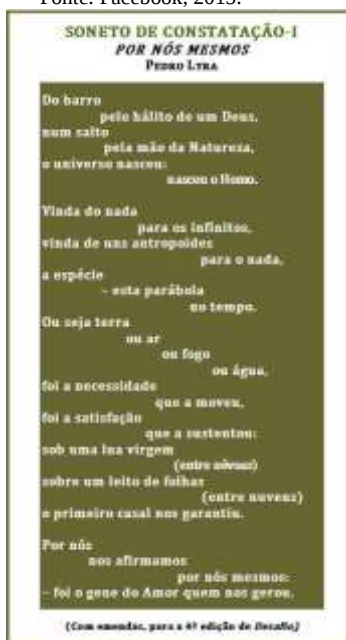
A obra *Desafio: uma poética do amoré* composta por poemas eróticos e também conceituais. Entretanto, a principal temática do livro é o amor. Tanto que para a 4ª edição da obra, que já estava sendo organizada por Pedro¹¹, alguns sonetos estavam sendo separados para outra publicação *Ideações*. A ideia era manter *Desafio* mais voltado para as questões do amor. O livro tem poemas nos quais falam ora o poeta, ora a musa, ora a amante. Com talento e sensibilidade, Pedro faz importantes projeções do feminino.

Em “Por nós mesmos”, é a voz do poeta que ecoa. Pesquisador apaixonado pela ciência, Pedro indaga sobre a origem e a manutenção da espécie humana. A escolha do soneto para abrir o livro foi fundamental, pois ele marca a gênese do sentimento, do próprio homem.

O Soneto de Constatação I foi escrito em 1989, em Grenoble, na França. A primeira publicação foi na 1ª edição de *Desafio*, em 1991. O texto passou por várias modificações, que poderão ser acompanhadas na gênese, até chegar à versão definitiva, divulgada em 2015.

¹¹ O poeta, que nasceu no dia 28 de janeiro de 1945, em Fortaleza-CE, faleceu no dia 23 de outubro de 2017, no município de Campos dos Goytacazes-RJ. Durante o último ano de sua vida Pedro organizou a 4ª edição de *Desafio* para comemorar os seus 50 anos de dedicação à escrita de poemas.

Figura 2: “Por nós mesmos”, Pedro Lyra.
Fonte: Facebook, 2015.



3. Os documentos do processo

Fornecidos pelo autor, a história deste soneto apresenta 22 documentos que têm de ser considerados na sua análise, sendo 2 de manuscritos, 2 mistos de datilografia e manuscrito, 4 de suas transcrições, 2 de originais, 1 de prova tipográfica, e 11 de publicações.

LINHAGEM MANUSCRITA	REDAÇÕES	DATAS
	M-1	1/12/89, noite
	M-2	idem (2º grau)
	D-1	4/12/89
	D-2	idem
	P-1a	Original de <i>Desafio-1</i> , 1991
	P-1b	Prova de P-1a
	PUBLICAÇÕES	FONTES
	P-1	<i>Desafio-1</i> , 1991
	P-2	<i>Revista de Letras</i> , 1998

LINHAGEM IMPRESSA	P-3	<i>Visão do Ser</i> , 1998
	P-4	<i>Vision de l'être</i> , 2000
	P-5a	Original de <i>Desafio-2</i>
	P-5	<i>Desafio-2</i> , 2001
	P-6	<i>Desafio-3</i> , 2002
	P-7	<i>50 Poemas</i> , 2006
	P-8	<i>Ideações</i> , 2012
LINHAGEM ELETRÔNICA	P-9	<i>Facebook</i> , 2015

4. O soneto verso por verso

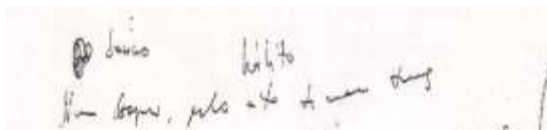
As 3 linhas riscadas que aparecem antes do 1º verso em M-1 não devem ser de um anterior, pois é pouco provável que o poeta fosse concluir um soneto em outra folha. Devem ser o registro de uma intuição, que foi abandonada, e que por isso não vamos considerar. Em M-2, deve ser o mesmo caso, tanto assim que o autor não nos forneceu a sua transcrição. Talvez eu até conseguisse, com um certo esforço, decifrar aquela letra, pois está maior, portanto bem mais legível que a do soneto logo a seguir.

Como veremos na análise verso a verso... recortes das emendas mais interessantes.

O seu começo / a sua origem: retoque na letra do pronome
Sinal de inversão de posição das palavras
parapara nada (LYRA, M-1, 1989).

Primeiro verso

Como em longa tradição, este soneto começou pelo último verso, a chave de ouro, que deixaremos para comentar no seu local próprio. Só depois o poeta retorna ao início, com uma expressão, “Num sopro, pelo ato de um deus”, próxima da definitiva:



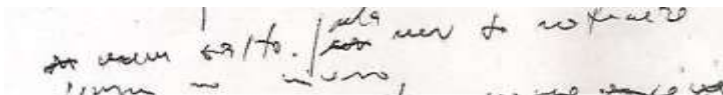
Sem rasurar, registrou as alternativas “Do barro” no lugar de “Num sopro” e “hábito” no lugar de “ato”, que já é a expressão final. Em M-2, ele

introduz a barra indicativa da quebra do verso, mas mantendo a vírgula inicial depois de “barro”. Em D-1, a vírgula será suprimida e o verso já aparece decomposto em 2 sintagmas. Mas em D-2, ele coloca o 2º entre parênteses, antecedido de um travessão, que seriam eliminados em P-1a, retornando à forma de D-1, que será mantida até em P-5a, mas que recebe vírgula no final em P-5, ficando então o verso na sua forma definitiva:

*Do barro
pelo hálito de um deus,*

Segundo verso

Este verso é introduzido por uma conjunção alternativa “ou” em M-1 que logo será suprimida em M-2. O verso é separado pela vírgula eo poeta usa a preposição “por” para dar sequência ao verso. O substantivo “mão” tinha em sua versão manuscrita o sintagma “um parto”. Da mesma forma em M-2 a preposição é substituída por outra, “pela”, já se mostrando em sua forma definitiva, porém ainda sem a barra que indica a quebra do verso, o que só acontece em D-1, em substituição à vírgula. Em D-2, utiliza-se de parêntese de forma manuscrita para talvez enfatizar a expressão “pela mão da natureza”, porém despreza essa ação em P-1ª e retoma a ideia original sem os parênteses e assim se mantém até P-5a.



*num salto
pela mão da Natureza,*

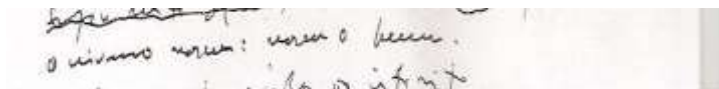
O texto começa comparando duas “filosofias das origens”, que desde a publicação do *Origem das Espécies* de Darwin, vêm se rivalizando em todos os sentidos, filosófico, cultural, religioso, até os dias de hoje, mas que na mágica da poesia subitamente podem coexistir como se fossem até complementares, a saber, o criacionismo, sopro (anima, alma) divino no barro; e evolucionismo, sopro da natureza no barro (aqui sim, literal) do planeta, produzindo todos os seres, mas que aqui, interessa o homem, o ponto de vista do poeta.

Num salto... podemos pensar este salto como o ponto de convergência das ideias científica e religiosa, pois a evolução, embora com toda sua

estrutura lógica, fica sem resposta diante de um fato constatado pela ciência do elo perdido, um salto que transforma hominídeos mais primitivos num homem sapiens sem os fósseis intermediários que justifiquem. Seria a interferência do hálito divino da religião no processo evolutivo da ciência?

Terceiro verso

Em M-1, este verso surge completamente diferente da forma dada posteriormente, não há um só vocábulo que apareceria em M-2. Na transcrição feita em M-2 o poeta mostra o tanto de rasuras cometidas até que conseguisse encontrar a ideia que melhor expressasse seu pensamento. Até que se decide por “o universo nasceu: nasceu o homem.” Ainda num só verso; porém, na versão impressa P-5^a, o verso já se mostra decomposto. Em P-8 o verso sofre uma sutil emenda quando escreve o vocábulo “Homem” com sua letra inicial em maiúsculo. Já em P-9, na versão eletrônica desse soneto no Facebook, este verso sofre novamente uma rasura significativa quando o vocábulo “Homem” é substituído por “Homo”, fazendo alusão aos humanos modernos.



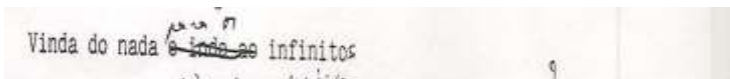
*o universo nasceu:
nasceu o Homo.*

Neste verso, o poeta sugere que o “universo”, que interessa, “nasceu”, não o galáctico, mas aquele universo que é capaz de enxergar a vida através da poesia, ou seja, “nasceu o homem.”.

Quarto verso

O verso se inicia com o verbo “vindo” que faria a sua concordância com o substantivo “universo” do verso anterior, o que não preserva em M-2, já que opta por “Vinda” que virá fazendo a concordância nominal com o vocábulo introdutório do próximo verso “espécie”. Composto ainda da conjunção aditiva “e”, assim se mantém em M-2, até que em D-1, faz a supressão da conjunção. Outras rasuras relevantes neste verso são: a supressão do verbo gerúndio “indo”, o acréscimo da preposição “para” seguida do artigo

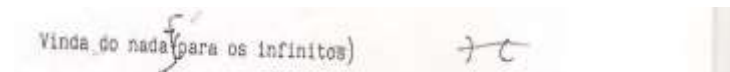
definido “os” em lugar de “ao” e quando pluraliza o adjetivo “infinito”, todos em D-1, quando apresenta o verso em uma só linha.



Em D-2, estas alterações serão mantidas, porém sinaliza de forma manuscrita a união de linhas.



Em P-1ª, o verso se manterá inalterado, o poeta apenas assinala de forma manuscrita a quebra de linhas.



Em P-5ª, o verso já aparece decomposto acrescido de vírgula ao inaldeste e em sua forma definitiva e assim se mantém até a sua publicação nas redes sociais.

*Vinda do nada
para os infinitos,*

Em qualquer visão, seja a religiosa ou a científica, se parte de um nada, de um caos. Isto está presente na maioria das cosmologias do mundo, a transformação do caos em cosmos pela ação de uma força, pessoal como um deus, ou impessoal como a natureza. Ela provém de um nada que não é simples ausência de material, mas ausência de estrutura, de ordem, de organismo, em suma, ausência de cosmos = organismo. E deste nada, poderá ir até o infinito, pois o “nada” já continha em semente o potencial de finitude que reside no homem.

Quinto verso

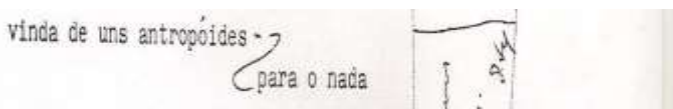
Este verso se mostra inicialmente de forma introdutória, composto pela conjunção alternativa “ou” seguida do verbo “vindo”, fazendo agora a concordância com o substantivo “homem” do 3º verso. O poeta compõe este verso em sua redação inicial, optando por “uns macacos”; porém, logo comete a rasura, quando faz em M-2 a substituição deste sintagma pelo substantivo “antropóide” ainda no singular precedido do artigo indefinido

“um”. Entretanto, neste mesmo documento, realiza nova emenda e faz a opção do termo “primata” em lugar de “antropoide”.

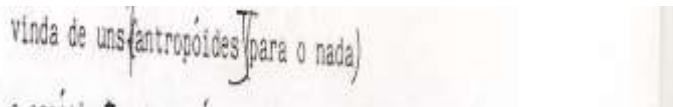
Na depuração de M-2, este verso sofre uma emenda logo no início quando, a conjunção alternativa “ou”, é suprimida. O artigo indefinido “um” vai para o plural “uns” e opta por “antropóides” no plural, mantendo o restante do verso inalterado.



Em D-2, é sinalizado de forma manuscrita, como já feito anteriormente, a união de linhas.



Em P-1^a, o verso sofre as marcas da quebra que viria ocorrer efetivamente:



Em P-5, o poeta apenas acrescenta a vírgula ao final do verso e desta forma assim se preserva até a sua publicação nas redes sociais:

*vinda de uns antropóides
para o nada,*

Este mesmo homem pode desperdiçar seu valor se autodestruindo e assim, ele que tinha o potencial para ir do “nada” ao “infinito”, pode, por livre (e má) escolha, ir de “uns antropóides”, para o “nada”.

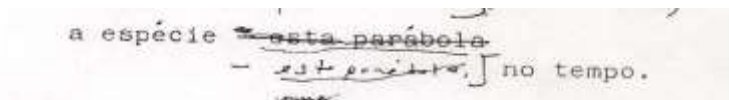
Sexto verso

Novamente a redação em M-1 “a vida que interessa é a da terra” que surge em uma só linha, sofre alteração significativa para M-2, o pronome possessivo “nossa” é introduzido assim como realiza a supressão do pro-

nome relativo “que” e o substantivo “interessa”. Neste verso, inclui o pronome demonstrativo “isto”, assim como o advérbio de lugar “cá”. O poeta se mostra em dúvida quanto ao uso mais apropriado da preposição “na” em lugar de “da” e usa o ponto de interrogação ao lado do verso como a estabelecer a dúvida que mudaria significativamente o sentido do que se queria dizer. O verso se mostra então dessa forma: “a nossa vida é isto cá na terra”, seguido do ponto como em M-1. Porém, em D-1, o verso sofre nova rasura e dessa vez o poeta inclui o substantivo “espécie” e o pronome demonstrativo “esta”. O substantivo “parábola” vem confirmar a ideia de que não acredita na concepção de criação. Tudo não passa de uma história inventada, uma parábola, com a intenção de justificar a existência humana.

O verbo “ser” em D-2 é suprimido, o poeta em substituição ao sintagma “na terra”, oscila entre as expressões “para o nada” e “no tempo”. Decide então pela última que dá ao verso maior amplitude. O tempo que viria simbolizando o ciclo da vida, esse mesmo tempo humano finito em contraponto com o divino, infinito. Esta é nossa parábola contada a cada dia ao longo de um tempo onde somos cegos, não sabemos aonde iremos nem se iremos. Em D-2, o verso ainda permanece em uma só linha.

Em P-1^a, o poeta introduz , de forma manuscrita, um travessão que já insinua a futura decomposição do verso e acaba por fazê-lo de forma manuscrita. A quebra ocorre, porém no final do verso “no tempo”.



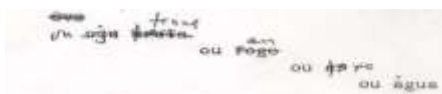
Em P-1b, o verso já se mostra quase em sua forma definitiva, porém ainda com a presença da vírgula. Em P-5^a, a vírgula é suprimida, mas em P-7 o poeta resolve retomar a vírgula após o substantivo “parábola” como em P-1a. Somente em P-8 o poeta retoma a forma do verso, já pensado em P-5^a, e dessa forma temos o verso:

a espécie
– esta parábola
no tempo.

Sétimo verso

O 7º verso, inicialmente, difere não na ideia, mas em vocábulos do verso definitivo. Em M-1, assim se apresenta: “Qualquer que tenha sido a

sua origem”, se referindo à espécie. Em M-2, o poeta faz total alteração no verso, não preserva nenhum dos vocábulos usados em M-1, cita elementos que simbolizam o surgimento do universo assim como da espécie “ovo, espírito, fogo, água, terra,”. Em D-1, faz a supressão dos sintagmas “espírito” e “terra”. Em substituição a eles, utiliza os substantivos “areia” e “ar” além das conjunções alternativas “ou”. O verso ainda não aparece decomposto, mas em D-2, o poeta realiza a quebra do mesmo, agora o introduz com a conjunção alternativa “ou”, seguida do verbo “seja”, supre o sintagma “areia” e em seu lugar cita o elemento “terra”. Preserva os demais elementos alterando somente a sua ordem “ou seja terra / ou ar / ou fogo / ou água”. Estes são os elementos básicos comumente encontrados no misticismo ocidental. Um elemento telúrico, representando à criação, solidez, fertilidade. O outro, eólico, intimamente ligado ao processo de mudança, movimento. Outro ainda ígneo ligado ao impulso da vida, à paixão, transmutação. E por último, o aquático, ligado a fluidez, absorção, à vida.

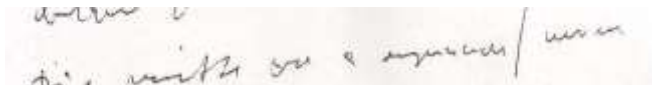


Em P-1a, o verso se mostra praticamente em sua forma definitiva, apenas com a sutil rasura inicial da conjunção alternativa com letra maiúscula “Ou”. Em P-7, o verso se mantém da mesma forma que em P-1a, porém agora em sua forma impressa, o poeta apenas acrescenta a vírgula ao final do verso, assim ficando:

*Ou seja terra
ou ar
ou fogo
ou água,*

Oitavo verso

Em M-1, o verso surge quase que em sua versão definitiva:



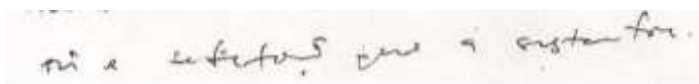
No manuscrito, é possível testemunhar o nascer da ideia. Pedro está em dúvida entre dois verbos: “proporcionou / moveu”. Em M-2, versão de-

finitiva, o poeta opta por “moveu”. Com a escolha, o poeta deixa clara a ideia de que a origem da espécie humana não foi proporcionada pela necessidade, mas movimentada por ela.

*foi a necessidade
que a moveu,*

Nono verso

O verso surge, em M-1, praticamente pronto:

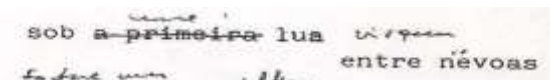


A única alteração que se tem no verso ocorre em D-1. O poeta substitui o ponto final pelos dois pontos. Apesar de aparentemente sutil, a substituição é importante. Pedro, ao invés de fechar o verso, insere os dois pontos para convidar o leitor a passear “pelos bosques” de sua imaginação e desvelar a satisfação do “primeiro casal”.

*foi a satisfação
que a sustentou:*

Décimo verso

Em D-1, o verso nasce e se desenvolve:



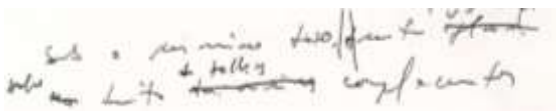
O poeta, ao invés de afirmar que a lua que presenciou a satisfação dos foi “a primeira”, diz com o artigo indefinido que foi “uma lua”. A substituição revela que, para Pedro, mas importante não é a lua, mas o casal, a ação, o quadro completo. Entretanto, a lua era “virgem”. Ela foi testemunha do ato de satisfação que ocorreu sob sua luz. A expressão “entre névoas” pode revelar o sacrifício feito pela lua para chegar à cena da satisfação. Entretanto, pode-se ler que a lua era o próprio objeto de prazer. Rompendo as névoas, chegou-se à luz, à satisfação.

O verso sofre uma leve alteração em D-2. O poeta insere travessões, evidenciando o oposto “- entre névoas -”. Apenas em P-3 o verso deixa os travessões e recebe os parênteses da versão definitiva. Como em um poema concreto, Pedro parece querer fazer uso da forma do sinal de pontuação para revelar que, talvez, as névoas estivessem, na verdade, protegendo a lua ou até mesmo acalentando-a.

sob uma lua virgem
(entre névoas)

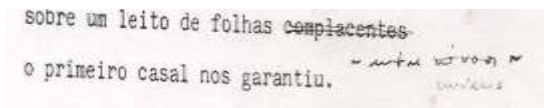
Décimo primeiro verso

A ideia do verso está registrada em M-1: “no leito das areias complacentes”. Em M-2, testemunha-se o desenvolver da ideia. A rasura indicia que o verso ainda está em processo de construção:



Em M-2, o poeta insere a preposição “sobre”. Nota-se também a rasura de “das areias”, que são substituídas por “de folhas”. A alteração é extremamente relevante, pois muda o sentido do verso. O leito “das areias”, com ideia de posse do elemento natural, dá espaço à locução adjetiva “de folhas”. A rasura minimizou a importância do cenário e chamou ainda mais atenção para o casal que garantiria a espécie humana.

Em P-1^a, o poeta rasura mais uma vez o verso:



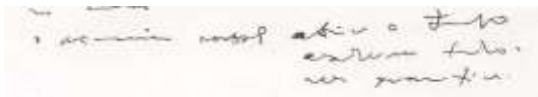
A alteração agrega um agradável ritmo ao soneto. O décimo e o décimo primeiro versos passam a dialogar. O curioso é que as nuvens não estão ladeando a lua, mas as folhas. De forma brilhantemente composta, a estrofe retrata uma cena tão importante que as nuvens desceram ao chão. Foram permear as folhas, o leito, os corpos dos amantes.

Assim como ocorreu no décimo verso, em P-1 tem-se o oposto destacado por travessões. Em P-3, surgem os parênteses para resguardar as nuvens metafóricas do casal:

sobre um leito de folhas
(entre nuvens)

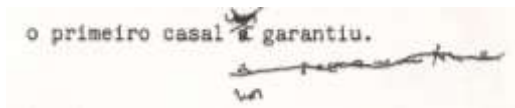
Décimo segundo verso

Em M-1, a ideia do verso nasce meio a muitas rasuras:



Os versos “se foi um / deus ou a evolução quem a criou” são substituídos por “mas foi o sexo – o amor -”. A ideia do complemento para o amor também é trabalhada com cuidado. Primeiro o poeta escreve “que a garantiu”, depois, “confirmou” e fecha o manuscrito com “nos fixou”.

Em M-2, o pronome “nos” foi substituído por “a”. Em M-4, tem de volta o pronome oblíquo “nos”. Em D-1, o verso aparece quase como em sua última publicação:

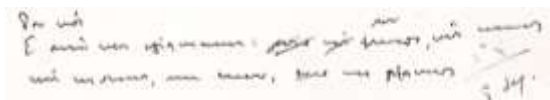


O poeta faz rasuras alternando pronomes oblíquos e verbos. Em D-2, o verso aparece fechando a estrofe: “o primeiro casal nos garantiu).”. A versão definitiva surge em P-1a:

o primeiro casal nos garantiu.

Décimo terceiro verso

O verso surge em D-2:



Escrito à tinta, nas últimas linhas, o verso revela o movimento do

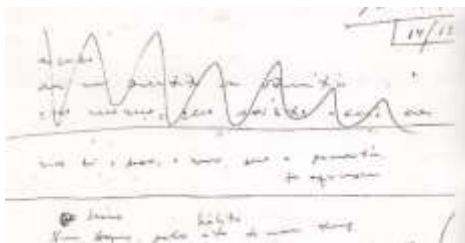
pensamento poético. A assinatura, no canto inferior direito, indicia a felicidade e a aprovação do criador. Foi a primeira vez no soneto que Pedro diz que “nós mesmos” nos afirmamos. A ideia atribui autonomia e mérito ao homo.

Em P-1a, o poeta escreve o verso quase como em sua última publicação. O trecho surge dividido por uma vírgula. Em P-5, é retirara a pontuação gráfica e são inseridas as quebras de linha:

Por nós
nos afirmamos
por nós mesmos:

. Décimo quarto verso

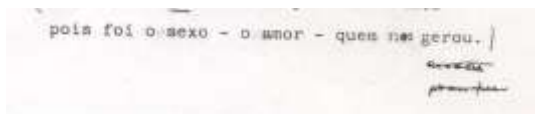
O último verso do soneto nasce inaugurando M-1:



D-2 revela a indecisão do poeta na escolha e composição do verso que fechará o soneto. “Surgiu”, “sobreviveu”, “fixou”, os verbos parecem bailar na mente criativa.



A dúvida entre o amor e o sexo também aparece documentada. Ao invés de optar por um substantivo ou outro, em P-1a, o Pedro obra por manter os dois. O “amor” passa a ser apostro do “sexo”.



A ideia revela que ambos não precisam necessariamente aparecer separados. O sexo pode ser a concretização do amor. Em P-3, o amor é iniciado por letra maiúscula, o que atribui importância ao substantivo. Em P-5a, o poeta insere as quebras de linha. Apenas em P-9 o poeta faz uma nova rasura. O verso agora aparece antecedido por travessão. O “sexo” é substituído por “gene”. A mudança atribui ainda mais poeticidade ao soneto. O sexo passa a ficar implícito, como próprio gene do amor erótico que permite a manutenção da espécie humana.

Os dois pontos no décimo terceiro verso dispensam o uso da conjunção explicativa “pois”, que acaba sendo suprimida. Somem as quebras de linha e o verso passa a ser escrito como em sua última versão:

– foi o gene do Amor quem nos gerou

5. Mapa de emendas

A seguir, seguem quadros, organizados pelas autoras, com todas as emendas verificadas no soneto, verso por verso.

VERSO 1

MANUSCRITOS	M-1	Do barro, pelo hálito de um deus
	M-2	Do barro, / pelo hálito de um deus
	D-1	Do barro / pelo hálito de um deus
	D-2	Do barro – / (pelo hálito de um deus)
	P-1a	Do barro / – pelo hálito de um deus
	P-1b	Do barro / pelo hálito de um deus
IMPRESSO	P-5a	<i>Do barro / pelo hálito de um deus,</i>

VERSO 2

MANUSCRITOS	M-1	ou num salto, por mão da natureza
	M-2	num salto, pela mão da natureza
	D-1	num salto / pela mão da natureza
	D-2	num salto – / (pela mão da natureza)
	P-1a	num salto / – pela mão da natureza
	P-1b	num salto / pela mão da natureza

IMPRESSO	P-5a	<i>num salto / pela mão da natureza,</i>
----------	------	--

VERSO 3

MANUSCRITOS	M-1	surgiu neste planeta a espécie humana
	M-2	o universo nasceu: nasceu o homem.
IMPRESSO	P-5a	o universo nasceu: / nasceu o homem.
	P-8	o universo nasceu: / nasceu o Homem.
ELETRÔNICO	P-9	<i>o universo nasceu: / nasceu o Homo.</i>

VERSO 4

MANUSCRITOS	M-1	Vindo do nada e indo ao infinito
	M-2	Vinda do nada e indo ao infinito
	D-1	Vinda do nada para os infinitos
	D-2	Vinda do nada – / para os infinitos
	P-1a	Vinda do nada / para os infinitos
IMPRESSO	P-5a	<i>Vinda do nada / para os infinitos,</i>

VERSO 5

MANUSCRITOS	M-1	ou vindo de um macaco para o nada
	M-2	ou vinda de um primata para o nada
	D-1	ou vinda de uns antropoides para o nada
	D-2	vinda de uns antropoides – / para o nada
	P-1a	vinda de uns antropoides / para o nada
IMPRESSO	P-5a	<i>vinda de uns antropoides / para o nada,</i>

VERSO 6

MANUSCRITOS	M-1	a vida que interessa é a da terra.
	M-2	a nossa vida é isto cá na terra.
	D-1	a espécie é esta parábola na terra.
	D-2	a espécie – esta parábola no tempo.
	P-1a	a espécie – esta parábola / no tempo.

	P-1b	a espécie / – esta parábola, no tempo.
IMPRESSO	P-5a	a espécie / – esta parábola / no tempo.
	P-7	a espécie / – esta parábola, / no tempo.
	P-8	<i>a espécie / – esta parábola / no tempo.</i>

VERSO 7

MANUSCRITOS	M-1	Qualquer que tenha sido a sua origem
	M-2	ovo, espírito, fogo, água, terra,
	D-1	ovo ou areia ou fogo ou ar ou água
	D-2	ou seja terra / ou ar / ou fogo / ou água
	P-1a	Ou seja terra / ou ar / ou fogo / ou água
IMPRESSO	P-7	<i>Ou seja terra / ou ar / ou fogo / ou água,</i>

VERSO 8

MANUSCRITOS	M-1	foi a necessidade que a moveu
	D-2	– foi a necessidade que a moveu
IMPRESSO	P-3	foi a necessidade que a moveu
	P-4	– foi a necessidade que a moveu
	P-5a	foi a necessidade que a moveu
	P-7	– foi a necessidade que a moveu
	P-8	<i>foi a necessidade que a moveu,</i>

VERSO 9

MANUSCRITOS	M-1	foi a satisfação que a sustentou.
	D-2	– foi a satisfação que sustentou:
IMPRESSO	P-3	foi a satisfação que a sustentou:
	P-4	– foi a satisfação que sustentou:
	P-5a	foi a satisfação que sustentou:
	P-7	– foi a satisfação que sustentou:
	P-8	<i>foi a satisfação que sustentou:</i>

VERSO 10

MANUSCRITOS	M-1	Sob a primeira lua, entre flores
	M-2	Sob a primeira lua, dentre névoas
	D-1	sob uma lua virgem / entre névoas
	D-2	(Sob uma lua virgem / – entre névoas –
	P-1a	sob uma lua virgem / – entre névoas –
IMPRESSO	P-3	sob uma lua virgem / (entre névoas)
	P-4	sob uma lua virgem / – entre névoas –
	P-5a	<i>sob uma lua virgem / (entre névoas)</i>

VERSO 11

MANUSCRITOS	M-1	no leito das areias complacentes
	M-2	sobre um leito de folhas complacentes
	P-1a	sobre um leito de folhas / – entre nuvens –
IMPRESSO	P-3	sobre um leito de folhas / (entre nuvens)
	P-4	sobre um leito de folhas / – entre nuvens –
	P-5a	<i>sobre um leito de folhas / (entre nuvens)</i>

VERSO 12

MANUSCRITOS	M-1	o primeiro casal nos garantiu.
	M-2	o primeiro casal a garantiu.
	D-1	o primeiro casal nos garantiu.
	D-2	o primeiro casal nos garantiu.)
	P-1a	<i>o primeiro casal nos garantiu.</i>

VERSO 13

MANUSCRITOS	M-1	Surgiu sobreviveu estamos gratos:
	M-2	Quem nos criou, / sei lá, / não interessa.
	D-1	Surgiu / sobreviveu / estamos gratos:
	D-2	Por nós nos afirmamos: por nós mesmos
	P-1a	(Por nós nos afirmamos, por nós mesmos

	P-1b	Por nós nos afirmamos, por nós mesmos
IMPRESSO	P-3	Por nós nos afirmamos, por nós mesmos,
	P-4	Por nós nos afirmamos, por nós mesmos
	P-5a	Por nós / nos afirmamos / por nós mesmos
ELETRÔNICO	P-9	<i>Por nós / nos afirmamos / por nós mesmos:</i>

VERSO 14

MANUSCRITOS	M-1	mas foi o sexo – o amor – que nos fixou.
	M-2	– foi o sexo – o amor – quem a fixou
	D-1	pois foi o sexo – o amor – que nos fixou.
	D-2	pois foi o sexo (o amor) quem nos gerou.
	P-1a	pois foi o sexo – o amor – quem nos gerou.)
	P-1b	pois foi o sexo – o amor – quem nos gerou.
IMPRESSO	P-5a	pois foi o sexo / – o Amor – / quem nos gerou.
	P-7	pois foi o sexo – o Amor – quem nos gerou.
ELETRÔNICO	P-9	<i>– foi o gene do Amor quem nos gerou.</i>

6. Considerações finais

A crítica genética, mais do que a análise textual de uma obra, é a possibilidade de aproximação do leitor com o autor. Em relatos em sua página, no Facebook, Pedro declarava que se sentia honrado por ter seus textos geneticamente analisados. Para o poeta, a genética é a mais humana de todas as críticas, pois não se ocupa do texto acabado, mas do processo de construção de uma obra de arte.

Com a gênese de textos literários, pode-se perceber que os autores não são seres dotados apenas de talento e inspiração. Há esforço, alternância de ideia, estudo. Há um ser humano que é agente de seu processo de construção textual.

Voltando à questão da honraria, apesar de o poeta ter agradecido várias vezes pelas críticas realizadas, pode-se afirmar que honradas ficarão eternamente as geneticistas lyranas. Afinal, além de ter confiado os documentos de alguns de seus processos criativos, Pedro escolheu as autoras

dessa gênese para criticar o primeiro soneto de seu mais famoso livro.

No Soneto de Constatação I, o poeta busca explicação para o surgimento e principalmente, para a garantia da espécie humana. Para Pedro, se o homem surge “Do barro/pelo hálito de um deus,” ele se mantém vivo pelo Amor (em letra maiúscula para evidenciar a importância do substantivo).

De forma apaixonada, Pedro viveu e dedicou-se a sua arte. “Por nós mesmos” foi escolhido, em 1989, para abrir o livro dedicado ao Amor. Palavra que, para ele sempre foi poesia, substância fundamental de trabalhos artísticos que se pretendem dignos e autênticos.

Verso por verso, foi possível acompanhar o nascer não apenas de um soneto, mas do gene que permeia toda a obra lyrana e que está de forma mais evidenciada em *Desafio: uma poética do amor* (LYRA, 2002).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEVENUTI, Clesiane Bindaco; CAMPOS, Eleonora; RIBEIRO, Ingrid. *A construção do poema: Crítica Genética de 8 sonetos de Pedro Lyra*. Campos dos Goytacazes-RJ: Brasil Multicultural, 2016.

LYRA, Pedro. *Desafio: uma poética do amor*. 3. ed. Fortaleza, CE: Topbooks, 2002.